

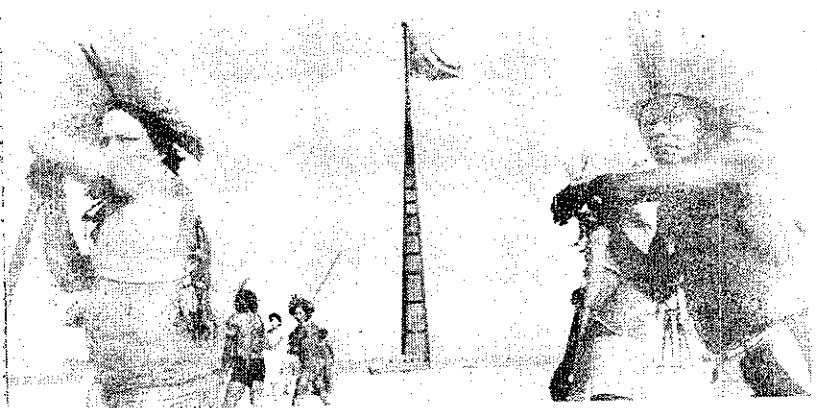
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : _____

DATA : 15 10 87

PG. : 8



NA PRAÇA, CONTRA O LIXO ATÔMICO

Um grupo de índios caiapó protesta na Praça dos Três Poderes, em Brasília (foto), contra a decisão do presidente José Sarney de depositar lixo atômico na base militar da Serra do Cachimbo (PA), anunciada na semana passada. Pouco depois, ao receberem a informação de que o presidente poderá rever a decisão, os 97 índios dançaram na praça.

Cidades

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA ★ ESPORTES

FOLHA DE S. PAULO

Quinta-feira, 15 de outubro de 1987 — A - 13

Sarney diz que radiação não oferece mais riscos

Em Goiânia, o presidente visitou o principal foco radiativo, não definiu o destino do lixo atômico, mas disse que a serra do Cachimbo seria o lugar ideal

Do enviado especial,
das Sucursais
e do correspondente

O presidente José Sarney, 57, disse ontem em Goiânia (GO), às famílias que tiveram suas casas interditadas por causa da radiação provocada pela violação de uma bomba de césio-137, há cerca de três semanas, que não existe mais perigo de contaminação na cidade. Se houvesse qualquer risco, "o presidente da República não estaria aqui junto com vocês", afirmou Sarney, que chegou a Goiânia às 10h45, em um Boeing 737 da Força Aérea Brasileira, e permaneceu cerca de duas horas na capital goiana. O presidente visitou a rua 57 (centro), um dos principais focos de contaminação, o Hospital Geral do Inamps (setor oeste), onde estão internados dez pacientes vítimas da radiação, e o Palácio das Esmeraldas (centro), sede do governo de Goiás.

Sarney evitou afirmar que o lixo atômico (material que contenha substâncias radiativas e que não tenha mais interesse) de Goiânia, estimado em cerca de sessenta toneladas, será mesmo depositado na base militar de serra do Cachimbo. Sarney disse que as condições de Cachimbo são ideais, pois "lá já existe um local feito para se colocar lixo atômico". Depois, indiretamente, referiu-se às pressões que vêm sendo feitas pelo governo do Pará e por comunidades indígenas contrárias à utilização de Cachimbo, afirmando que o depósito para o lixo será construído após discussão com a comunidade, "na maior transparência, de forma a haver consenso".

A viagem de Sarney a Goiânia foi decidida às 17h de anteontem, no Palácio do Planalto, em reunião com os ministros-chefes do Gabinete Militar, Rubens Bayma Denys, e do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, e com o chefe do Serviço Nacional de Informações, general Ivan de Souza Mendes. Sarney havia recebido informações da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) que o autorizavam a ir.

Na noite de anteontem, oficiais da

Folha divulgou as escavações em 86

No dia 8 de agosto do ano passado, a Folha divulgou, com exclusividade, que o governo brasileiro estava construindo instalações subterrâneas na serra do Cachimbo —sul do Pará, limite com Mato Grosso—, e que as escavações tinham características que as capacitavam para testes nucleares e armazenamento de lixo atômico. Em nota distribuída naquele dia, o Estado-Maior das Forças Armadas (Emfa) admitiu a realiza-

ção de obras a fim de permitir "ensaios de materiais e equipamentos" e afirmou que o Brasil não tinha "qualquer programação de teste" para fabricação de arma nuclear. Durante entrevista concedida em São Paulo, ainda no dia 8, o ministro-chefe do Emfa, almirante José Maria do Amaral Oliveira, disse que "no futuro" seriam criadas, na serra do Cachimbo, construções destinadas a abrigar lixo atômico.

Marinha chegaram à capital de Goiás para vistoriar os locais que seriam percorridos por Sarney (no sistema de rodízio, coube à Marinha a segurança do presidente). O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, mandou buscar o presidente da CNEN, Rex Nazareth Alves, para que se deslocasse do Rio a Brasília, de onde seguiria para Goiânia com o presidente.

Visitas

Na rua 57, Sarney foi abordado por Gastor Xavier, morador de uma casa interditada. O presidente disse que a Legião Brasileira de Assistência e a Secretaria Especial de Ação Comunitária seriam acionadas para, em um programa de emergência, ajudar as vítimas da radiação. No hospital do Inamps, Sarney vestiu roupa especial, colocou máscara e chegou a trocar cumprimentos com alguns doentes isolados no terceiro andar. O presidente ficou na área de isolamento por quinze minutos. Na saída, foi submetido a um teste de radiação por técnicos da CNEN.

Quando deixava o hospital, Sarney recebeu de Dalva Fabiano, mulher de Ernesto Fabiano (em estado grave no Hospital Naval Marcellio Dias, no Rio), um bilhete no qual solicita ajuda do presidente. Sarney já havia tido um encontro com Dalva. Quando chegou ao hospital ela o cumprimentou, informando que era mulher de uma das vítimas. Dalva estendeu a mão direita ao presidente. A esquerda tem o sinal de uma chaga causada

pela partícula de césio levada para sua casa pelo marido. A partícula foi jogada no vaso sanitário por Dalva, assim que Ernesto começou a sentir os efeitos da radiação.

Sarney declarou que o problema do lixo atômico existe em todo o mundo e que o Brasil precisa encontrar uma solução para seus rejeitos. Anunciou já ter encomendado estudos à consultoria-geral da República para a elaboração de um projeto de lei, a ser enviado ao Congresso Nacional, propondo uma solução para o lixo. "Esse assunto terá de ser decidido numa lei, pelo Congresso Nacional, para que fique definido exatamente onde o Brasil vai colocar seu lixo atômico." O governador Henrique Santillo não quis comentar a indecisão de Sarney. Disse apenas que, em Goiás, o lixo não fica.

O presidente afirmou que o acidente em Goiânia não afeta o programa nuclear brasileiro. Segundo ele, o que ocorreu não foi um acidente nuclear, mas um acidente radiativo, causado por ignorância e irresponsabilidade.

O superintendente da Polícia Federal em Goiás, Francisco de Barros Lima, deve ouvir hoje o soldado PM Raimundo Nonato da Silva, no inquérito que apura responsabilidades pelo acidente. O soldado teria dito que o registro de uma ocorrência policial foi alterado para não comprometer o Instituto de Assistência e Previdência Social de Goiás nas atuais investigações.

Leia a opinião da Folha no editorial "O lugar do lixo", na pág. A-2.